



EDITORA



UnB

Análise de práticas contra-hegemônicas na formação dos profissionais de Ciências Agrárias

Reflexões sobre o Programa Residência Agrária

Volume II



N. Cham.: 37.018.523 P912co

Título: Práticas contra-hegemônicas na
formação dos profissionais das ciências



10455881

Ac. 1035245

v. 2 Ex.2 BCE

Organizadores

Mônica Castagna Molina

Fernando Michelotti

Rafael Litvin Villas Boas

Rita Fagundes

EDITORA



UnB

**Práticas contra-hegemônicas na
formação dos profissionais das
Ciências Agrárias
Volume II**

Reflexões sobre o Programa Residência Agrária

Organizadores

Mônica Castagna Molina

Fernando Michelotti

Rafael Litvin Vilas Boas

Rita Fagundes



Universidade de Brasília

Reitora Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora Germana Henriques Pereira

Conselho editorial Germana Henriques Pereira
Fernando César Lima Leite
Estevão Chaves de Rezende Martins
Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende
Jorge Madeira Nogueira
Lourdes Maria Bandeira
Carlos José Souza de Alvarenga
Sérgio Antônio Andrade de Freitas
Verônica Moreira Amado
Rita de Cássia de Almeida Castro
Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

P912 Práticas contra-hegemônicas na formação dos profissionais das Ciências Agrárias: reflexões sobre o Programa Residência Agrária : volume II / Mônica Castagna Molina ... [et al.], [organização]. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2017.
476 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-230-1208-3.

1. Educação do campo. 2. Ciências Agrárias. 3. Residência agrária. 4. Agroecologia. I. Molina, Mônica Castagna (org.).

CDU 63

Equipe editorial

Observatório da Educação do Campo
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)
Centro Transdisciplinar de Educação do Campo - CETEC

Coordenadora de produção editorial

Mônica Castagna Molina

Preparação e revisão

Sandra Fonteles

**Capa, projeto gráfico, tratamento
de imagem, produção gráfica,
vetorização de
figuras/gráficos/tabelas/quadros,
diagramação e arte final**

Alex Silva

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Observatório da Educação, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/Brasil.

Copyright © 2017 by Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,

2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Sumário

Prefácio	
Roseli Salete Caldart.....	06

Apresentação	
As Organizadoras e os Organizadores.....	17

BASES TEÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS DO PROGRAMA RESIDÊNCIA AGRÁRIA

Residência Agrária e projeto educativo dos camponeses	
Clarice Aparecida dos Santos.....	28

Agroecologia: uma contribuição camponesa à emancipação humana e à restauração revolucionária da relação metabólica sociedade-natureza	
José Maria Tardin e Dominique Michèle Perioto Guhur.....	44

EIXO 1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, TERRITÓRIOS CAMPONESES E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Educação do Campo e democracia: a experiência do Curso “Residência Agrária – Matrizes Produtivas da Vida no Campo” da Universidade de Brasília	
Beatriz Casado Baides, Geraldo José Gasparin, Luiz Henrique Gomes de Moura, Rafael Litvin Villas Bôas e Marco Antonio Ribeiro Baratto.....	102

Construção compartilhada de saberes: a experiência do NEEPA	
Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo, Andrea Machado Camurça e Lígia Alves Viana.....	128

Ressignificando resistências e apontando caminhos: IALA Amazônico e Residência Agrária	
Fernando Michelotti, Marcelo Bruno Ribeiro Barbosa e Elenara Ribeiro da Silva.....	146

Uma entrada pela fresta: reflexões sobre a Pós-Graduação Residência Agrária na Universidade Federal do Pará	
Sônia Barbosa Magalhães e Laura Angélica Ferreira.....	176

Estratégias pedagógicas na articulação entre teoria e prática no Programa de Pós-Graduação em Direitos Sociais do Campo – Residência Agrária (UFG/Regional Goiás)	
Erika Macedo Moreira, Ana Cláudia Diogo Tavares, Janaina Tude Sevá e Raniele Caroline de Sousa.....	192

EIXO 2 MATRIZES TECNOLÓGICAS

Processos históricos e inovações tecnológicas no semiárido brasileiro	
Jonas Duarte.....	218

Das sementes aos frutos: a experiência do Curso de Especialização em Extensão Rural Agroecológica e Desenvolvimento Rural Sustentável – Residência Agrária/UFC	
Ivana Leila Carvalho Fernandes, Diana Mendes Cajado, Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo e Daniel Albiero.....	242

Arte, cultura e Educação do Campo no Centro de Ciências Agrárias: o confronto com o instituído	
Maria Inês Escobar da Costa.....	264

Residência Agrária - Sergipe: semeando a agroecologia e a soberania alimentar	
Rita Fagundes, Andhressa Araújo Fagundes e Amaury da Silva dos Santos.....	288

EIXO 3 AGROECOLOGIA, SAÚDE, FEMINISMO, SEMENTES E O PROCESSO DE GERAÇÃO DA VIDA

Mulheres camponesas e quintais: anúncio de esperança e (re)existência para a vida planetária	
Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo, Andrea Machado Camurça, Lígia Alves Viana e Karla Karolline de Jesus Abrantes.....	312

O protagonismo das mulheres no Residência Agrária da UnB: um despertar feminista	
Adriana Fernandes Souza e Charlotte Emanuele da Silva Sousa.....	332

Diálogo entre segurança alimentar, saúde e agroecologia: uma experiência de pesquisa e extensão do Curso de Residência Agrária da Universidade Federal de Sergipe (UFS)	
Andhressa Araújo Fagundes, Rita Fagundes, Tatiana Canuto Silva e Josefa Adriana Leal.....	348

EIXO 4 FEIRAS DA REFORMA AGRÁRIA, AGROECOLOGIA E RELAÇÃO CAMPO E CIDADE

Feiras da Reforma Agrária: uma ferramenta para a organização produtiva e para o fortalecimento da soberania alimentar	
Bárbara Loureiro Borges e Fábio Ramos Nunes.....	374

Feira dos Produtores Rurais de Parauapebas/PA: produção e circulação de alimentos como temática de estudo no Residência Agrária	
Haroldo de Souza, Fernando Michelotti e Ayala Lindabeth Dias Ferreira.....	394

A construção de dados sobre a inserção dos agricultores assentados no PNAE	
Marcela Medeiros de Castro e Débora Franco Lerrer.....	410

As Feiras Nacionais do MST e a Reforma Agrária Popular	
Ana Manuela Chã, Carla Tatiane Guindani, Daniel Mancio e Andrea Matheus.....	428

Posfácio	
As Organizadoras e os Organizadores.....	447

A respeito das Organizadoras e Organizadores.....	463
--	------------

A respeito dos Autores.....	467
------------------------------------	------------

EIXO 4

**FEIRAS DA
REFORMA AGRÁRIA,
AGROECOLOGIA E
RELAÇÃO CAMPO E
CIDADE**

Feiras da Reforma Agrária: uma ferramenta para a organização produtiva e para o fortalecimento da soberania alimentar

Barbara Loureiro Borges e Fábio Ramos Nunes

Feira dos Produtores Rurais de Parauapebas/PA: produção e circulação de alimentos como temática de estudo no Residência Agrária

Haroldo de Souza, Fernando Michelotti e Ayala Lindabeth Dias Ferreira

A construção de dados sobre a inserção dos agricultores assentados no PNAE

Marcela Medeiros de Castro e Débora Franco Lerrer

As Feiras Nacionais do MST e a Reforma Agrária Popular

*Ana Manuela Chã, Carla Tatiane Guindani,
Daniel Mancio e Andrea Matheus*

Feira dos Produtores Rurais de Parauapebas/PA: produção e circulação de alimentos como temática de estudo no Residência Agrária

Haroldo de Souza¹

Fernando Michelotti¹

Ayala Lindabeth Dias Ferreira²

O curso de especialização em "Educação do Campo, Agroecologia e Questão Agrária na Amazônia" foi ofertado pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) em parceria com a Via Campesina, por meio de seu Instituto de Agroecologia Latino Americano - IALA Amazônico. O currículo foi organizado em três eixos temáticos: questão agrária amazônica – projetos hegemônicos e contra-hegemônicos; desenvolvimento do campo/assentamentos; agroecologia e diálogo de saberes. Inspirados na pesquisa-ação-participante, os estudos em cada um dos temas procuraram combinar apropriação de elementos teóricos e conceituais, diagnóstico e problematização dos processos sociais em andamento na região onde o curso se realiza, e elaboração de propostas de ação com vistas à consolidação do campesinato e da Reforma Agrária³.

¹Docentes da Unifesspa. Coordenação do Residência Agrária – Especialização em Educação do Campo, Agroecologia e Questão Agrária na Amazônia.

²Militante do MST / Via Campesina e da Coordenação Político-Pedagógica do IALA Amazônico.

³Para uma descrição mais aprofundada do projeto político-pedagógico do curso e seus princípios organizadores, inclusive o de agroecologia, que dialoga diretamente com a temática abordada neste texto, ver o artigo "Ressignificando Resistências e Apontado Caminhos" neste livro.

Este artigo procura abordar um tópico específico trabalhado no eixo temático “desenvolvimento do campo/assentamentos”: a comercialização dos produtos dos assentamentos em feiras nas cidades. A referência empírica analisada no curso foi a participação de agricultores do Assentamento Palmares II, onde se localiza o IALA Amazônico, na Feira dos Produtores Rurais do município de Parauapebas/Pará. A partir dessa experiência, o texto foi organizado em 3 tópicos: (i) aspectos teóricos e metodológicos mobilizados no curso de especialização para o estudo sobre feiras; (ii) a relação do assentamento Palmares II com a Feira dos Produtores Rurais de Parauapebas; (iii) o reconhecimento da importância da Feira pelo IALA Amazônico e as perspectivas futuras.

Aspectos teóricos e metodológicos mobilizados no curso de especialização para o estudo sobre feiras

O ponto de partida dos estudos do eixo “Desenvolvimento do Campo/Assentamentos” foram as unidades de produção camponesas e seus sistemas de produção. Seguindo a tradição de Alexander Chayanov⁴, atualizada por Costa (2000) e Carvalho (2005), buscou-se promover uma apropriação por parte dos educandos do curso de que cada unidade de produção, nos seus diferentes momentos, encerra características específicas, tanto em função de suas condições produtivas e reprodutivas internas, como em função das relações sociais, econômicas e políticas que estabelecem com a sociedade local/regional. Procurou-se evidenciar nesses estudos a diversidade de expressões do campesinato a partir de Godoi, Meneses e Marin (2009), desautorizando qualquer perspectiva homogeneizante como base para os projetos de pesquisa-ação.

⁴Para aprofundamento sobre esse autor pode ser consultada uma publicação mais recente, organizada por Horácio Martins de Carvalho, denominada ‘Chayanov e o Campesinato’. Segundo o organizador, “o estudo de Chayanov, ainda que tratando do campesinato e suas circunstâncias na Rússia da década de 1920, é por demais relevante como contribuição teórico-prática para todos aqueles que desejam compreender, não apenas historicamente, mas também no contexto contemporâneo, a dinâmica da economia camponesa no Brasil a partir de observações microeconômicas. Chayanov já sugeria que seria necessário outro paradigma analítico que proporcionasse categorias teóricas pertinentes para dar conta das problemáticas dos camponeses nas sociedades capitalistas [...]” (CARVALHO, 2014, p. 7).

Desdobraram-se desses estudos diferentes trabalhos de campo sobre os sistemas de produção familiar nos assentamentos e acampamentos do entorno do IALA que foram base tanto para a continuidade dos estudos do eixo "desenvolvimento do campo/assentamento" como do eixo "agroecologia e diálogo de saberes". No caso do primeiro eixo, priorizaram-se reflexões sobre certas características e dinâmicas gerais da organização social das famílias assentadas, bem como suas demandas para se consolidarem nos assentamentos do sudeste paraense.

Os trabalhos de campo realizados pelos educandos como parte desses estudos buscaram compreender as formas de organização social do assentamento Palmares II, observando as relações que as famílias estabelecem entre si para fortalecerem suas ações políticas, cooperarem nas suas atividades econômicas ou desenvolverem múltiplas formas de sociabilidade, mediadas ou não pelas instâncias organizativas dos movimentos sociais. Para além das relações no interior do assentamento, procurou-se conhecer as relações que essas famílias e suas organizações estabelecem com a sociedade regional, buscando compreender os "impactos do assentamento", nos termos de Medeiros e Leite (1998).

As relações do assentamento com seu entorno constituem o que Leite (1995) chama de "região do assentamento". Nessa região, a criação do assentamento intensifica disputas de múltiplas ordens, traz novas reivindicações e necessidades, e intensifica a execução de políticas públicas em decorrência das ações políticas das famílias assentadas e suas organizações. O curso de especialização procurou criar atividades de pesquisa-diagnóstico na região, com as quais os educandos pudessem conhecer com um mais de profundidade os impactos do assentamento Palmares II a partir de quatro dimensões apontadas em Leite (1995), Medeiros e Leite (1997; 1998): (i) poder local; participação política e políticas públicas; (ii) organização social e produtiva; (iii) dimensões ambientais e territoriais; (iv) alterações demográficas e condições de vida.

Para Medeiros e Leite (1997), essas relações evidenciam o assentamento como "ponto de chegada", mas também como "ponto de partida". "Ponto de chegada" porque é consequência de um longo processo de luta

pela terra e enfrentamento da concentração fundiária que transforma um amplo setor de “excluídos” em sujeitos políticos e novos atores em cena. No curso de especialização, essa leitura do assentamento permite um diálogo com os estudos desenvolvidos no eixo temático denominado “Questão Agrária Amazônica – projetos hegemônicos e contra-hegemônicos”, em que as lutas pela terra e território têm centralidade.

Ao mesmo tempo, o assentamento é “ponto de partida”, uma vez que as famílias de agricultores e suas organizações, ao conquistarem a terra, passam a implementar projetos técnico-produtivos, praticar uma nova sociabilidade interna ao assentamento e sobretudo entrar num jogo de disputas políticas visando à sua reprodução na relação com o Estado. No caso do assentamento Palmares II, essas relações tensas e conflitivas incluem outros atores sociais, como a mineradora Vale, pois o assentamento está no entorno da Serra dos Carajás, onde há intensa atividade mineral.

Os estudos sobre as relações do assentamento Palmares II com a sociedade local evidenciaram a importância da participação de vários assentados na Feira dos Produtores Rurais de Parauapebas, que passou a ser foco de atenção do curso de especialização. Na preparação para o estudo específico dessa relação entre assentados e a sociedade regional por meio de sua participação na feira foram selecionados autores que permitem compreender as diferentes dimensões envolvidas nesse processo.

Nesses estudos, procurou-se chamar atenção para a importância das feiras como possibilidade de melhoria da apropriação econômica dos resultados da produção dos assentamentos pela eliminação de intermediários da cadeia mercantil (INHETVIN, 2000). Outro aspecto relevante considerado foi o favorecimento da diversificação produtiva em função da possibilidade de comercialização de múltiplos produtos que respeitam a sazonalidade da produção, o que fortalece a perspectiva de produção agroecológica (MICHELOTTI; SOUZA; ALMEIDA, 2010). Considerou-se ainda a interação entre os assentados e a população urbana, o que fortalece laços políticos de apoio à Reforma Agrária, além de uma identidade cultural regional expressa pelo

artesanato, comidas típicas, músicas, danças e sotaques (SOUSA, 2000). Por fim, foi observada a própria sociabilidade entre agricultores (MASCARENHAS, 2008), criando a possibilidade de diálogos e trocas de experiências entre agricultores de diferentes localidades.

Do ponto de vista econômico, trabalhos como os de Inhetvin (2000), Dürr (2002) e Gomes (2007) embasam a perspectiva de que não bastam os estudos quantitativos sobre a mensuração de preços e quantidades ofertadas e demandas dos produtos, devendo ser privilegiados os estudos das relações sociais e econômicas que os diferentes agentes envolvidos no processo de comercialização estabelecem entre si. Assim, privilegia-se a identificação das estruturas e dos agentes presentes nos circuitos mercantis, o funcionamento desses mercados e as condições de comercialização entre camponeses, capital mercantil e consumidores, analisando quais são os mecanismos que levam à apropriação efetiva de parte da renda agropecuária por cada um desses agentes.

Para além dos aspectos econômicos, no curso de especialização procurou-se criar indicadores, não necessariamente quantitativos, que fossem capazes de refletir as dimensões político-organizativas e técnico-produtivas envolvidas nos processos de produção-circulação. Com isso, os educandos puderam analisar a capacidade inovativa proporcionada pelos projetos de assentamento nesses aspectos e refletir sobre os assentamentos e seus impactos locais/regionais.

A relação do Assentamento Palmares II com a Feira dos Produtores Rurais de Parauapebas

No caso do estudo das relações de comercialização do assentamento Palmares II, houve destaque para a organização social e produtiva dos agricultores em dois circuitos diferentes: nos pontos de venda na agrovila do assentamento e na Feira dos Produtores Rurais na sede do município de Parauapebas.

Embora o foco deste artigo esteja na relação do assentamento com a feira municipal, as atividades mercantis na agrovila do assentamento Palmares II também são bastante significativas, com comercialização de pro-

duros olerícolas, grãos, frutas, mandioca e seus derivados, leite e produção agropecuária. Essa intensidade explica-se não apenas pela quantidade de moradores na vila, estimada em 5.000 pessoas, como pela dinâmica econômica que ela possui. Cerca de metade dessas pessoas é assentada com seus familiares, uma vez que o assentamento possui 517 famílias, todas com casa na agrovila. Além disso, em função de sua proximidade com a sede municipal (cerca de 22 km), sua posição estratégica como local de acesso para outras localidades rurais, sejam assentamentos, sejam locais de trabalho ao longo da Estrada de Ferro Carajás, e ainda pela sua própria infraestrutura social (escolas, posto de saúde, cooperativa de transporte alternativo), a vila atrai diferentes moradores não assentados, compondo a outra metade de moradores temporários ou pessoas que circulam com frequência pelo local.

O outro circuito mercantil enfatizado no curso é o da Feira do Produtor de Parauapebas, na qual há uma participação significativa de agricultores do Assentamento Palmares II, viabilizada a partir do atendimento, pela prefeitura municipal, de serviços de transporte por caminhões que circulam no assentamento para buscar os assentados e seus produtos. O acesso a essas rotas de transporte resolve um dos principais gargalos para os agricultores, que é a capacidade de deslocar sua produção. Nos estudos citados na primeira parte deste artigo, o acesso ao transporte da produção é um dos mecanismos significativos de apropriação mercantil na Amazônia, que subordina os agricultores aos demais agentes de intermediação.

Os educandos da especialização analisaram dados de uma pesquisa mais sistemática sobre a comercialização na Feira Municipal de Parauapebas realizada nos anos de 2008 e 2009. A Tabela 1 abaixo mostra que, entre julho e dezembro de 2009, os agricultores do Assentamento Palmares II que tiveram participação na feira levaram um total de 69 produtos diferentes, sendo 5 de origem animal, 6 tipos de grãos, 25 tipos de frutas (*in natura* ou processadas, obtidas em cultivos ou extrativismo), 28 produtos olerícolas e 5 derivados da mandioca. A maior parte desses produtos tinha sido obtida em sistemas de produção terra-intensivos, ou seja, geraram renda agrícola por unidade de área mais elevada, indicando possibilidades de desenvolvimento da agricultura sem aumentar as pressões de desmatamento no assentamento.

Tabela 1:
Diversidade de itens comercializados na Feira do Produtor Rural de Parauapebas entre Julho e Dezembro de 2009.

Tipos de Produtos	Quantidade e Variedade de Itens Produzidos
Produtos Animais	05 Frango calpira, ovo calpira, queijo cozido, queijo cru e requeijão.
Grãos	06 Amendoim, fava verde, fava seca, feijão seco, feijão verde e milho seco.
Frutas	25 Abacate, açaí, acerola, azeite de babaçu, banana, buriti, cacau, caju, castanha, coco seco, coco verde, cupuaçu, graviola, goiaba, jaca, jenipapo, limão, mamão, manga, maracujá, murici, noni, pocan, polpa de fruta e tamarindo.
Olerícolas	28 Abóbora, abobrinha, alface, almeirão, açafraão, batata-doce, cebola, cheiro-verde, chicória, corante, couve, hortelã, inhame, jambú, jiló, mastruz, maxixe, milho verde, pepino, pimenta-de-cheiro, pimenta-do-reino, pimentão, quiabo, rúcula, salsa, tomate, vagem e vinagreira.
Mandioca e Derivados	05 Farinha branca, farinha puba, mandioca, tapioca e tucupi.

Fonte: Sec. Munic. de Prod. Rural de Parauapebas/PA organizado por Souza, 2010.

Um desdobramento dessa observação da diversidade de produtos comercializados pelo conjunto do assentamento refere-se à diversificação de cada unidade familiar de produção. Conforme a Tabela 2, o acompanhamento da comercialização de 42 agricultores-feirantes do Assentamento Palmares II que tiveram participação ativa na feira durante o período de julho a dezembro de 2009 mostrou que 14,3% se especializaram em apenas um tipo de produto, enquanto 21,4% se dedicaram a dois tipos de produtos, 38,5%, a três tipos de produtos e 26,2%, a quatro tipos de produtos. Assim, para cerca de 64,7% desses agricultores-feirantes, a diversificação produtiva da Palmares como um todo está sendo acompanhada também por uma maior diversificação do seu próprio sistema de produção familiar, permitindo comercializar entre três e quatro tipos de produtos diferentes.

Tabela 2:
Diversidade de tipos de produtos comercializados por agricultor

	N° Agricultores	Quantidade de Agricultores que Comercializam Cada Tipo de Produto de Origem Vegetal			
		Olerícolas	Frutas	Mandioca e Derivados	Grãos
1 tipo	6	0	2	4	0
2 tipos	9	3	6	3	4
3 tipos	16	13	15	13	4
4 tipos	11	11	11	11	11
Total	42	27	34	31	19
1 tipo	14,3%	0%	5,9%	12,9%	0,0%
2 tipos	21,4%	11,1%	17,6%	9,7%	21,1%
3 tipos	38,1%	48,1%	44,1%	41,9%	21,1%
4 tipos	26,2%	40,7%	32,4%	35,5%	57,9%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Sec. Munic. de Prod. Rural de Parauapebas/PA organizado por Souza, 2010.

Os três principais tipos de produtos que aparecem na lista de comercialização da feira e que também apontam tendências de diversificação produtiva são frutas, produtos olerícolas e mandioca e seus derivados. Conhecer essas tendências foi importante para os educandos do Residência Agrária, em conjunto com o IALA, construir seus projetos de ação de maneira a fortalecer a agroecologia em diálogo com as necessidades e potencialidades dos agricultores assentados.

No caso da “mandioca e seus derivados”, que estiveram presentes na lista de 31 (73,8%) dos agricultores-feirantes da Palmares II, mostra a importância elevada para todos os tipos de agricultores da classificação proposta no estudo. A mandioca é um produto da roça tradicionalmente cultivada na região, sendo mais rústica que os demais itens (arroz, milho e feijão) e portanto pode ser produzida em condições menos favoráveis de fertilidade do solo. Por isso, ela tem sido bastante importante em áreas que haviam sido transformadas em pastagens e estão passando por uma reconversão para áreas de cultivo.

No assentamento Palmares II, a importância da mandioca vem sendo reforçada por uma parceria com a Secretaria Municipal de Produção Rural, que tem disponibilizado máquinas e implementos agrícolas para preparo do solo em antigas áreas de pastagem para substituição por plantio agrícola. No entanto, esse crescimento do plantio de mandioca, assim como a diversificação produtiva como um todo, não pode ser explicado apenas por acesso a uma determinada tecnologia. É significativo também o conjunto de ações voltadas à adaptação do sistema técnico de produção dos agricultores assentados em Palmares II, vinculado à sua força organizativa em grupos de famílias que acabam por se organizar pela lógica da atividade produtiva e se aproximar do debate da organização social do assentamento como um todo. Dessa forma, tem-se fortalecido o debate sobre a diversificação da produção com um horizonte estratégico, fortemente vinculado ao debate da agroecologia.

Em relação aos demais tipos de produtos que compõem a pauta da diversificação produtiva e comercialização na feira, especialmente olericultura e fruticultura, não há a mesma presença de organização social e nem o acesso às políticas públicas como no caso da mandioca. Por isso, os educandos do Residência Agrária e o IALA priorizaram projetos de ação que estimulassem esse tipo de produção e colaborassem com a criação de referenciais técnicos baseados na agroecologia para essas linhas. Como exemplo, surgiram dois projetos de experimentação agroecológica na área do IALA servindo como ponto de diálogo com os demais agricultores: uma horta mandala, que dialogou com os agricultores que desenvolvem produção olerícola, e um sistema agroflorestal com alta diversidade de frutas, que dialoga com os agricultores que produzem e comercializam frutas na feira.

A partir das reflexões anteriores, indica-se que as possibilidades de comercialização de um leque diversificado de produtos na Feira do Produtor Rural de Parauapebas se mostraram um importante fator de estímulo à diversificação e complexificação da produção, parte fundamental do projeto agroecológico do campesinato na região. Considera-se que a simplificação dos sistemas de produção por meio da pecuarização das unidades de produção familiar é uma das principais formas de subordinação do campesinato ao capital na fronteira amazônica. A produção em Palmares II apresentou uma

elevada diversidade e a importância de diferentes tipos de produtos, sobretudo aqueles não ligados à pecuária bovina, revelando um possível caminho de construção de maior autonomia produtiva.

A partir do acesso a esses dados quantitativos obtidos em pesquisas anteriores, os educandos dos cursos construíram roteiros de pesquisa de entrevistas com os agricultores-feirantes e com os consumidores, refletindo e atualizando informações sobre as dinâmicas da feira. Essas dinâmicas de comercialização puderam ilustrar o que destaca Wilkinson (1997) sobre o fato de a reprodução e o futuro dos sistemas produtivos familiares dependerem menos da competitividade fincada nos estreitos limites tecnológicos e organizacionais. Na verdade, o futuro dos sistemas produtivos familiares depende de forma mais predominante do surgimento de agentes comprometidos com a redefinição das prioridades econômicas regionais a partir do reconhecimento desses sistemas e suas potencialidades como propulsores do desenvolvimento.

Os debates e reflexões sobre as relações entre assentamento e seu entorno também permitiram, para além das questões do abastecimento e comercialização de produtos e suas relações com a produção, destacar a importância das feiras por apresentarem muitos elementos da cultura local. Numa região de migração recente, como o caso de Parauapebas/PA, a feira expressa muito bem essa diversidade de origens culturais do campesinato local e da identidade regional em construção.

O reconhecimento da importância da feira pelo IALA Amazônico e as perspectivas futuras

A participação dos assentados na Feira de Produtores Rurais de Parauapebas recebia pouca atenção do setor de produção do MST no assentamento Palmares II. A partir de entrevistas com lideranças desse setor foi possível identificar dois motivos para tanto: trata-se de uma iniciativa da prefeitura municipal com pouco diálogo com o movimento, sendo realizada à margem das instâncias organizativas do assentamento; os produtos comercializados

na feira não representam uma produção de larga escala no assentamento, sofrendo com isso certa invisibilidade como atividade produtiva relevante.

Os estudos dos educandos da especialização contribuíram para fortalecer o debate, encampado pelo IALA, sobre a importância da feira para os assentados. Um grupo de educandos chegou a cogitar a possibilidade de promover uma feira na vila do assentamento como parte de seu projeto de pesquisa-ação, relacionando as pesquisas sobre a feira urbana e sobre os pontos de comercialização na própria agrovila. Apesar de não ter sido possível realizar esse projeto no âmbito de uma atividade do curso de especialização, dada a sua complexidade, a ideia ficou registrada e passou a ser mais bem refletida pelo conjunto do IALA.

Três fatores concorreram para uma maior consolidação dessa ideia, a ponto de no momento atual ela ter sido adotada pela associação do assentamento, que está buscando recursos e parcerias para viabilizá-la. Um desses fatores foi a transformação no projeto da Feira dos Produtores Rurais de Parauapebas, em função de mudanças de orientação política da prefeitura municipal na última gestão (2013 – 2016). Os outros dois fatores foram os estímulos positivos das experiências de realização de feiras da Reforma Agrária pelo MST no âmbito nacional e estadual, bem como de uma experiência específica de realização de uma feira agroecológica.

As transformações na Feira dos Produtores Rurais de Parauapebas estão associadas à construção de uma nova estrutura física para o seu funcionamento. A inauguração da obra, que era uma demanda antiga dos feirantes e usuários para a melhoria das condições de realização da feira, levou a última gestão municipal a buscar associá-la a uma mudança no funcionamento da feira de maneira a transformá-la em um grande centro de abastecimento municipal. De acordo com esse projeto, todo produto deveria ter uma marca e embalagem específicas, vinculadas a uma pessoa jurídica (empresa, cooperativa ou associação). Além disso, cada vendedor deveria ter uma relação específica de produtos a serem comercializados, mantidos com a mesma escala durante todo o ano, inclusive havendo separações físicas no interior da feira entre as barracas de diferentes produtos.

Todas essas alterações, apesar de ainda não terem sido totalmente implementadas, vêm indicando uma tendência de inviabilização da participação direta dos agricultores na feira, que poderá ser dominada por atravessadores. A tentativa de vincular os produtos a entidades jurídicas, mesmo que cooperativas ou associações, e a padronização de cada barraca em um único tipo de produto inviabilizam a participação mais direta dos agricultores que levam a diversidade de sua produção à feira. Para garantir uma escala mínima durante todo o ano, independentemente da sazonalidade de cada produção, dificilmente um único agricultor pode garantir a manutenção da barraca em um sistema de produção agroecológica, a menos que adote sistemas capital-intensivos que permitam produzir de forma dissociada das condições edafoclimáticas locais (estufas, sistemas de irrigação, etc.) e na forma de monocultivos especializados, o que o afasta de uma produção agroecológica diversificada. Outra possibilidade é o agricultor passar a comprar de outros produtores, inclusive de outras regiões, para garantir a capacidade de entrega, tornando-se ele mesmo um atravessador.

À medida que algumas dessas medidas foram sendo implementadas, especialmente a separação das barracas em áreas específicas por produtos, muitos produtores começaram a se sentir desestimulados a participar da feira. Como exemplo, se uma pessoa levava à feira diferentes produtos, como farinha de mandioca, verduras e frutas do seu quintal, ovos e galinhas caipiras, no novo projeto de feira já não poderia comercializar todos esses produtos na mesma barraca, pois correspondem a seções diferentes. Assim, alguns começaram a buscar alternativas de comercialização e outras feiras livres têm surgido nos bairros mais populares da cidade. Essa dinâmica serviu de referência para fortalecer a possibilidade de criação de uma feira de produtores na própria vila do assentamento Palmares II.

Além dessa situação específica do município de Parauapebas, o MST em seu conjunto tem ampliado o reconhecimento da importância das feiras. A prática de realização de feiras de produtores, que tem uma importância histórica no Nordeste brasileiro, tem ganhado evidência também em outras regiões, levando à realização da primeira Feira Nacional da Reforma Agrária em 2015. Essas iniciativas estão em consonância com a perspectiva da “Reforma Agrária Popular” proposta pelo MST em seu último congresso na-

cional, reconhecendo que, em uma sociedade globalizada e hegemônica por mercados universalizados e impérios agroalimentares baseados em altos índices de produtividade e tecnologia, faz-se necessária a busca da construção de estratégias próprias de comercialização por parte dos camponeses.

Essa incorporação do debate sobre feiras no conjunto do movimento tem refletido positivamente no MST/Pará, e algumas experiências concretas têm sido realizadas. Em 2014, o Núcleo de Agroecologia do Campus Rural de Marabá do IFPA mobilizou parceiros para a realização de uma feira agroecológica que mostrou as possibilidades e potencialidades de uma ação desse tipo. O IALA bem como outros movimentos sociais participaram do projeto que também contou com parceria da da Emater e da Unifesspa, por meio do seu Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo e do projeto Residência Agrária. A feira foi incorporada como atividade da Jura – Jornada Universitária de Apoio à Reforma Agrária e contou com a participação de vários educandos tanto do IFPA como da Unifesspa, inclusive os da turma de especialização Residência Agrária.

Essa feira agroecológica foi muito bem-sucedida, tanto do ponto de vista econômico, pois toda a produção foi comercializada, como do ponto de vista político e cultural, uma vez que houve apresentação de artistas, debates e panfletagens que marcaram a importância da Reforma Agrária e da produção de alimentos saudáveis diante de um público amplo de moradores da cidade. Após essa experiência, o MST realizou outras feiras que também foram bem-sucedidas, destacando-se a Feira Estadual realizada em 2015 e a Feira do Aniversário de 22 anos do Assentamento Palmares II em 2016. Além dessas, outras feiras menores têm acontecido de forma espontânea durante a realização de eventos em que os agricultores têm trazido seus produtos para expor e comercializar.

Todos esses elementos têm contribuído para a valorização das feiras de produtos dos assentamentos como espaços de importância econômica, por permitirem a venda direta, e como espaços políticos e culturais, por criarem laços entre produtores e consumidores, fortalecendo o debate sobre a Reforma Agrária, a produção de alimentos saudáveis e a diversidade social e cultural do campesinato.

Do ponto de vista da pesquisa-ação, inspiradora do curso Residência Agrária em sua parceria com o IALA Amazônico, o exemplo é ilustrativo de suas potencialidades. Atividades de pesquisa realizadas pela universidade, por meio de seus cursos e projetos, contribuem para um conhecimento mais aprofundado da realidade e um estímulo ao debate e reflexão de alternativas para sua transformação. Mesmo que os desdobramentos desse processo, como as feiras e a relação produção-comercialização a partir delas, extrapolam a realização do curso em si, eles desencadearam um processo mais amplo de debate entre movimento social, IALA e universidade, que continua em curso e pode levar à construção de uma feira na agrovila do assentamento, sob controle dos próprios assentados e suas organizações.

Referências

CARVALHO, H. M. (Org.). **O campesinato no século XXI**: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. (Org.). **Chayanov e o campesinato**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

COSTA, F de A. **Formação agropecuária da Amazônia**: os desafios do desenvolvimento sustentável. Belém: NAEA – UFPA, 2000.

DÜRR, J. A comercialização de produtos da agricultura familiar: o caso de Cameté. **Paper do NAEA nº 162**. Fevereiro de 2002.

GODOI, E. P.; MENESES, M. A. de; MARIN, R. A. **Diversidade do campesinato**: expressões e categorias. São Paulo / Brasília: Ed. Unesp/NEAD, 2009. Coleção História Social do Campesinato Brasileiro, 2 v.

GOMES, D. M. de A. **Cadeia de comercialização de produtos de floresta secundária dos municípios de Bragança, Capitão Poço e Garrafão do Norte – Pará**. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Amazônicas). Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

INHETVIN, T. Produção camponesa e redes mercantis em Capitão Poço. In: COSTA, F. de A. (Org.). **Agricultura familiar em transformação no nordeste paraense**: o caso de Capitão Poço. Belém: UFPA/NAEA, 2000. p. 155-272.

LEITE, S. O estudo dos assentamentos rurais e os parâmetros da ciência econômica. In: ROMEIRO, A. et al. (Ogs.). **Reforma Agrária**: produção, emprego e renda. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MASCARENHAS, G. **Feiras livres**: informalidade e espaço de sociabilidade. Colóquio Internacional, 2008. Disponível em: <http://www.ess.ufrj.br/site_coloquio/mesa2_05.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2009

MEDIROS, L. S. de; LEITE, S. Os impactos regionais dos assentamentos rurais: dimensões econômicas, políticas e sociais. In: **CPDA/Debates**, 4, dezembro, 1997.

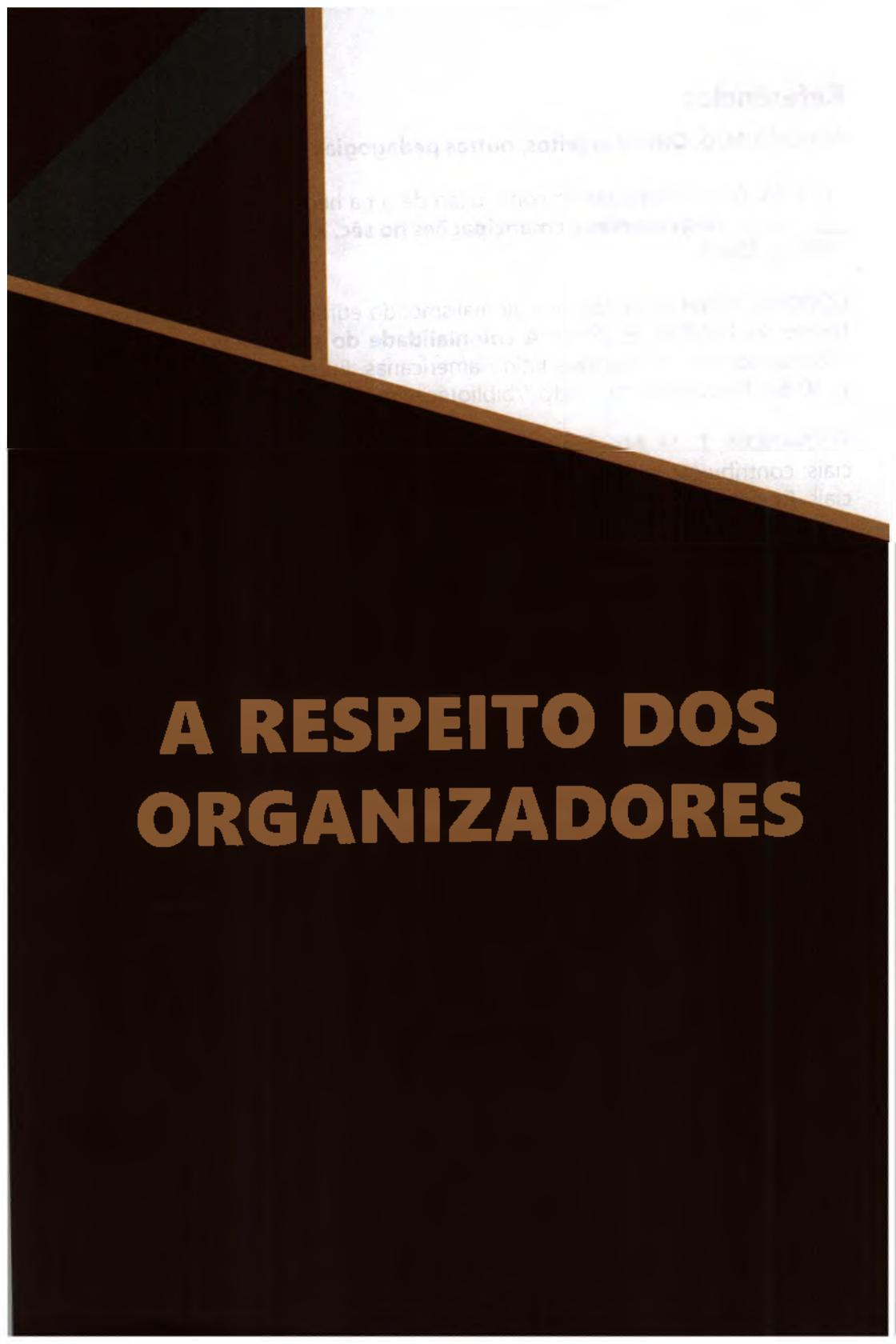
_____. Perspectivas para análise das relações entre assentamentos rurais e região. In: TEIXEIRA, F. C., COSTA, L. F., SANTOS, R. N. (Orgs.). **Mundo rural e política**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

MICHELOTTI, F.; SOUZA, H. de; ALMEIDA, A. P. de O. Estratégias de comercialização e reprodução camponesa no sudeste paraense: a participação do assentamento Palmares II na Feira do Produtor Rural de Parauapebas/PA. In: **Anais do 4º Encontro da Rede de Estudos Rurais**. Curitiba, julho de 2010.

SOUSA, J. R. de. Uma etnografia do Mercado do João Paulo. In FERRETTI, S. (Org). **Reeducando olhar: estudos sobre feiras e mercados**. São Luís: UFMA-PROIN-CS, 2000. p. 117-134.

SOUZA, H. **A reprodução socioeconômica e produtiva do campesinato no sudeste paraense: o Assentamento Palmares II, Parauapebas/PA**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido). Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, 2010, 175 p.

WILKINSON, J. Mercosul e produção familiar: abordagens teóricas e estratégias alternativas. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 8, 1997. p. 25-50.



A RESPEITO DOS ORGANIZADORES

Mônica Castagna Molina:

É graduada em Ciências Jurídicas e Sociais (1989) pela PUC/Campinas, especialista em Políticas Públicas e Governo (1997) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), mestre em Sociologia Rural (1998) pela Unicamp, doutora em Desenvolvimento Sustentável (2003) pela Universidade de Brasília e tem Pós-doutorado em Educação (2013) pela Unicamp. É professora Adjunta da Universidade de Brasília (UnB), da Licenciatura em Educação do Campo, no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural e do Programa de Pós-Graduação em Educação, onde coordena a Linha de Pesquisa Educação Ambiental e Educação do Campo desde 2013. É coordenadora da pesquisa "Análise de práticas contra-hegemônicas na formação dos profissionais da Educação e das Ciências Agrárias nas regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte" pelo Observatório da Educação da Capes (2013-2017). Coordenou o Pronera e o Programa Residência Agrária. Participou da I Pesquisa Nacional da Reforma Agrária, em 2003-2004 (I PNERA) e Coordenou a II Pesquisa Nacional da Reforma Agrária (II PNERA), financiada pelo IPEA, em 2013-2015. Coordenou a Pesquisa Capes/CUBA, no período de 2010-2014. Coordenou a pesquisa "A Educação Superior no Brasil (2000-2006) - Uma Análise Interdisciplinar das Políticas para o Desenvolvimento do Campo Brasileiro", financiada pelo Observatório de Educação da Capes. Integra a pesquisa "Formação Docente e a Expansão do Ensino Superior", na coordenação do Sub 07: Educação Superior do Campo, pelo Projeto Observatório da Educação do Campo da Capes. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Sociologia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação do Campo, Formação de Educadores, Políticas Públicas, Reforma Agrária, Desenvolvimento Sustentável.

Fernando Michelotti:

É graduado em Engenharia Agrônoma (1993) pela Universidade de São Paulo (ESALQ-USP), mestre em Planejamento do Desenvolvimento (2001) pela Universidade Federal do Pará (NAEA-UFPA) e doutorando em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR-UFRJ). É Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), vinculado ao Instituto de Estudos do Desenvolvimento Agrário e Regional. Coordenou o curso de especialização em Educação do Campo, Agroecologia e Questão Agrária na Amazônia/Residência Agrária, em parceria com o IALA - Via Campesina.

Rafael Litvin Villas Boas:

Graduado em Jornalismo (2001), mestre em Comunicação Social (2004) e doutor em Literatura (2009) pela Universidade de Brasília. Tem pós-doutorado em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo (2017). Integra os Programas de Pós-Graduação, mestrado Profissional em Artes (Profartes/UnB) e Desenvolvimento Territorial da América Latina e Caribe. Coordena os grupos de pesquisa Modos de Produção e Antagonismos Sociais, e Terra em Cena: teatro e audiovisual na Educação do Campo. É coordenador de Extensão da Faculdade UnB Planaltina (FUP) e da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular. Desenvolve pesquisas nas áreas de Estética e Política, Cultura, Identidade e Território, e as interfaces entre questão agrária e questão racial no Brasil.

Rita de Cássia Fagundes:

É graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2005), em Direito pela Universidade Paranaense (2004) e mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2010). Foi coordenadora pedagógica do curso de Pós-Graduação em Residência Agrária da Universidade Federal de Sergipe e é integrante do Núcleo de Estudos e Vivências Agroecológicas (EVA-UFS), da Rede Sergipana de Agroecologia (Resea) e da Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia (Renda/CNPq). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ).

ALBERTO DOS AUTORES



A RESPEITO DOS AUTORES

Adriana Fernandes Souza: Licenciada em Educação do Campo e especialista em Residência Agrária pela Universidade de Brasília (UnB). Trabalha com educação popular e teatro político, com a questão negra e da violência contra a mulher. Atualmente é educadora de jovens e adultos no Programa Pro-jovem Campo Saberes da Terra e é integrante da equipe de coordenação política pedagógica do Residência Agrária Jovem - Universidade de Brasília/CNPq. É mestranda da Faculdade de Educação da UnB.

Amaury da Silva Santos: É graduado em Agronomia (1992) e mestre em Fitotecnia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1995), e doutor em Produção Vegetal pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2000). Atualmente é pesquisador da Embrapa e coordenador do Núcleo de Agroecologia da Embrapa Tabuleiros Costeiros e integrante da Rede Sergipana de Agroecologia (Resea). Desenvolve atividades com sementes crioulas no estado da Paraíba, conhecidas por Sementes da Paixão. Desenvolve também pesquisas participativas em comunidades e assentamentos de Reforma Agrária, tendo como perspectiva a construção do conhecimento agroecológico por meio da sistematização de experiências agroecológicas e de seu intercâmbio entre agricultores e técnicos.

Ana Cláudia Diogo Tavares: Possui graduação em Direito e mestrado em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense (UFF), além de doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Foi colaboradora no Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Direitos Sociais do Campo, da Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é Professora Adjunta do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos (NEPP-DH) e professora do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas em Direitos Humanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPDH/UFRJ).

Ana Manuela Chã: É graduada em Psicologia pela Universidade de Lisboa e mestra em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (Unesp). Faz parte da coordenação do Coletivo de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Tem experiência na área de psicologia social, cultura e comunicação com ênfase em audiovisual e movimentos sociais.

Andhressa Araújo Fagundes: É doutora em Nutrição Humana pela Universidade de Brasília - UnB (2013), mestra em Ciências da Saúde - UnB (2006) e graduada em Nutrição (2002). É especialista em Gestão de Políticas Públicas de Alimentação e Nutrição, e em Vigilância Alimentar e Nutricional para a População Indígena, pela Fundação Oswaldo Cruz. Atua nas linhas de pesquisa: Nutrição na Atenção Primária à Saúde, Segurança Alimentar e Nutricional, e Educação Alimentar e Nutricional; Pesquisa Qualitativa em Saúde; Políticas e Programas de Alimentação e Nutrição. Atualmente é professora

do Departamento de Nutrição e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Nutrição da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e Coordenadora adjunta do Observatório de Segurança Alimentar e Nutricional do Estado de Sergipe (OSANES).

Andrea C. Matheus: Engenheira Agrônoma e mestra em Agricultura Orgânica pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atua no Setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente do MST.

Andrea Machado Camurça: É graduada em Economia Doméstica pela Universidade Federal do Ceará (UFC), especialista em Segurança Alimentar e Nutricional pela Universidade Estadual do Ceará (UECe) e mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFC). Foi Secretária Executiva da Rede Brasileira de Justiça Ambiental (RBJA) e desde 2005 é pesquisadora do Programa Residência Agrária (PRA). Atualmente é Professora Adjunta da Universidade de Brasília, docente da Licenciatura em Educação do Campo e integra o Programa de Pós-Graduação em Educação e o Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, da Universidade de Brasília.

Ayala Lindabeth Dias Ferreira: Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (2005) e especialização em Residência Agrária/Proneira pela UFPA/Campus de Marabá (2012). Militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), compõe a equipe pedagógica do Instituto de Agroecologia Latino-Americano Amazônico (IALA Amazônico). Atuando nesses espaços, acumulou experiência na educação popular e em sistemas produtivos no bioma amazônico (bioconstruções, criação de pequenos animais, produção de mudas nativas na Amazônia e apicultura).

Bárbara Loureiro Borges: É graduada em Engenharia Florestal pela Universidade de Brasília (UnB). Foi aluna do Curso de Especialização em Residência Agrária também da UnB. Possui formação e cursos na área de Agroecologia e Questão Agrária, e experiência em Extensão Rural, atuando em assentamentos e acampamentos de Reforma Agrária. Atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural (UnB).

Beatriz Casado Baidés: Possui graduação em Antropologia Social y Cultural - Universidad Miguel Hernández (2007) e mestrado universitário em Desarrollo y Cooperación Internacional pelo Instituto HEGOA - Universidad del País Vasco (UPV-EHU) (2008). Foi Integrante da equipe de coordenação do curso de especialização em Residência Agrária da Universidade de Brasília (Proneira/CNPq/FUP) e atualmente é doutoranda do Programa de Doctorado en Estudios sobre Desarrollo do Instituto HEGOA - Universidad del País Vasco (UPV-EHU).

Carla Tatiane Guindani: Possui graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mestrado em Agroecossistemas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Charlotte Emanuele da Silva Sousa: Possui graduação em Agroecologia pelo Instituto Federal de Brasília (2013) e Pós-Graduação *Lato Sensu* em Residência Agrária com ênfase em Agroecologia pela Faculdade UnB Planaltina (2015). Linhas de pesquisa: gênero, raça, educação, teatro do oprimido.

Clarice Aparecida dos Santos: Graduada em Pedagogia pela Universidade de Ijuí/RS, mestra em Educação pela Universidade de Brasília (UnB) e doutora em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Foi analista em Reforma e Desenvolvimento Agrário no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e, entre 2007 e 2015, foi Coordenadora-Geral de Educação do Campo e Cidadania, e do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea). É professora da Universidade de Brasília.

Daniel Albiero: Possui graduação em Engenharia Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp (2001) e em Física pela Unicamp (1996), mestrado (2005) e doutorado (2009) em Engenharia Agrícola também pela Unicamp. Atualmente é bolsista de Produtividade Desen. Tec. e Extensão Inovadora do CNPq e Professor Adjunto de Máquinas e Energia na Agricultura da Universidade Federal do Ceará (UFC), Coordenador do Gemasa (Grupo de Pesquisas em Energia e Máquinas para a Agricultura do Semiárido) e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola da UFC (PPGEA-UFC).

Daniel Mancio: É professor do Departamento de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Tem graduação em Agronomia (2002) e mestrado em Solos e Nutrição de Plantas pela Universidade Federal de Viçosa (2008), além de especialização em Economia e Desenvolvimento Agrário (2010) e doutorado em Produção Vegetal pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atua no curso de Educação do Campo, ministrando aulas de Questão Agrária, Agroecologia e Desenvolvimento Rural, e atua em projetos nas áreas de organização das áreas de Reforma Agrária e no desenvolvimento da agroecologia em assentamentos.

Débora Franco Lerrer: Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ) e pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Foi coordenadora do Curso de Especializa-

ção em Residência Agrária da UFRRJ, onde atualmente é Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ). Desenvolve pesquisas em torno dos seguintes temas: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, questão agrária, agronegócio, mediações jornalísticas e educação superior no campo.

Diana Mendes Cajado: Possui graduação em Engenharia de Pesca (2010) e mestrado em Economia Rural (2013) pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutorado em andamento no Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema/UFC). É pesquisadora voluntária do Programa Residência Agrária. Tem experiência docente em graduação e pós-graduação nas áreas: economia e áreas afins, estágio supervisionado, orientação de trabalhos de conclusão de curso, metodologia do trabalho científico, gestão ambiental e áreas afins, além da experiência em projetos de extensão com ênfase em extensão rural.

Dominique Michèle Perieto Guhur: É graduada em Agronomia e mestra em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Trabalha com movimentos sociais desde 1999 nas áreas de agroecologia, educação popular, Educação do Campo, metodologia de pesquisa e economia política. Atualmente é integrante do Coletivo de Acompanhamento Político-Pedagógico da Escola Milton Santos, do Centro de Formação em Agroecologia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do Paraná.

Elenara Ribeiro da Silva: Tem graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade de São Paulo (USP) e mestrado pelo Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade de Campinas (Unicamp). Tem experiência em elaboração, execução e acompanhamento de projetos relacionados à Formação, Pesquisa-Ação-Desenvolvimento, Educação Ambiental e Extensão Rural.

Erika Macedo Moreira: Graduada em Direito e mestra em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutora em Direito pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é professora da Universidade Federal de Goiás (UFG), coordenadora do Observatório Fundiário Goiano (Ofungo) e do Curso de Direito para beneficiários da Reforma Agrária e agricultores familiares (UFG/ INCRA-Pronera).

Fábio Ramos Nunes: Graduado em Administração pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. Foi aluno do Curso de Especialização em Residência Agrária e atualmente é aluno do mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, ambos pela Universidade de Brasília (UnB).

Fernando Michelotti: É graduado em Engenharia Agrônoma (1993) pela Universidade de São Paulo (ESALQ-USP), mestre em Planejamento do Desenvolvimento Rural (2001) pela Universidade Federal do Pará (NAEA-UFPA) e

doutorando em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR-UFRJ). É Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), vinculado ao Instituto de Estudos do Desenvolvimento Agrário e Regional. Coordenou o curso de especialização em Educação do Campo, Agroecologia e Questão Agrária na Amazônia/Residência Agrária, em parceria com o IALA - Via Campesina.

Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo: É Professora Associada da Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. É professora/orientadora no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema/UFC) e no Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas da UFC. Coordenou o curso de especialização em Residência Agrária na Universidade Federal do Ceará e é membro da Comissão Pedagógica Nacional do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea).

Geraldo José Gasparin: É graduado em Filosofia e mestre em Desenvolvimento Territorial para a América Latina e Caribe do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI). Foi coordenador-geral da Escola Nacional Florestan Fernandes no período de 2006 a 2011.

Haroldo de Souza: Possui graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade de São Paulo (2000), mestrado em Planejamento do Desenvolvimento pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (2010). É professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) e atualmente é doutorando do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ).

Ivana Leila Carvalho Fernandes: É graduada em Pedagogia (2015) e Economia Doméstica (2005), especialista em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo (2007) e mestra em Avaliação de Políticas Públicas (2013). Tem experiência na área de Desenvolvimento Rural, com ênfase em Políticas Públicas, Educação do Campo, Movimentos Sociais, Extensão Rural, Agroecologia e Relações de Gênero e Família. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Ceará (Prodema/UFC).

Janaina Tude Sevá: É bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF), tem mestrado e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Atualmente é professora do Curso de Direito da Universidade Federal de Goiás (UFG) e pesquisadora colaboradora do Observatório Fundiário Goiano (Ofungo/UFG)

José Jonas Duarte da Costa: Tem graduação em História e mestrado em Economia Rural pela Universidade Federal da Paraíba, e doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). É Professor Associado III do Departamento de História da UFPB e membro da Comissão Pedagógica Nacional do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea). Coordenou o Programa de Residência Agrária - Processos Históricos e Inovações Tecnológicas no Semiárido, mediante parceria UFPB/Insa.

José Maria Tardin: Foi coordenador da Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA) e assessor pedagógico em cursos de Agroecologia em vários países da América Latina. Atua na formação em Agroecologia em escolas técnicas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, assessorando cursos de Especialização em Agroecologia em parceria com universidades e institutos de pesquisa.

Josefa Adriana Leal dos Santos: É graduada em Medicina (ELAN), tem Especialização em Residência Agrária pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e é integrante do Setor de Saúde do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Atualmente é servidora pública, exercendo a função de médica do Programa Saúde da Família em Simão Dias/SE.

Karla Karolline de Jesus Abrantes: Possui graduação em Economia Doméstica (2012) e mestrado em Economia Rural pela Universidade Federal do Ceará (2015). Foi bolsista do Residência Agrária e têm publicações e estudos nas áreas de Economia Doméstica com enfoque nos temas de assentamentos rurais, segurança alimentar e nutricional, relações de gênero, mulheres rurais e agroecologia. Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema/UFC).

Laura Angélica Ferreira: Possui graduação em Zootecnia pela Universidade Federal de Viçosa/MG (1993), mestrado em DEA ETES: Environnement, Temps, Espace et Société - Université D'Orléans (1994) e doutorado em Développement Rural et Système d'Élevage - Institut National Agronomique Paris-Grignon (2001). Atualmente é Professora Associada da Universidade Federal do Pará.

Lígia Alves Viana: É graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECe) e mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará (Prodema/UFC). Atualmente é integrante do Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisas em Agroecologia (NEEPA), vinculado ao Programa Residência Agrária e Núcleo Tramas - Trabalho, Meio Ambiente e Saúde, ambos da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Luiz Henrique Gomes de Moura: É Engenheiro Florestal formado na Universidade de Brasília (UnB), especialista em Agroecologia e mestre em Agroecossistemas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e doutor em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade

Federal de Goiás (UFG). Militante pela Reforma Agrária, tem realizado estudos e pesquisas nas áreas de agroecologia, soberania alimentar, questão agrária, questão ambiental e novas dinâmicas da acumulação capitalista. Integra o grupo de pesquisa Modos de Produção e Antagonismos Sociais (UnB) e o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Geografia Agrária e Dinâmicas Territoriais (UFG).

Marcela Medeiros de Castro: Tem graduação em Educação do Campo e especialização em Residência Agrária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É integrante da Federação de Trabalhadores da Agricultura do Estado do Rio de Janeiro e uma das Coordenadoras do Assentamento Celso Daniel - Macaé/RJ.

Marcelo Bruno Ribeiro Barbosa: Graduado em Agronomia pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), atuou no fortalecimento e na consolidação do Núcleo Interdisciplinar de Agroecologia e Educação do Campo (Naec) e do Instituto de Agroecologia Latino-Americano Amazônico (IALA Amazônico). Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ).

Marco Antonio Ribeiro Baratto: Tem graduação em Pedagogia, mestrado em Educação Ambiental e Educação do Campo e doutorado em Política Social pela Universidade de Brasília (UnB). Participou da equipe pedagógica do Curso de Especialização *Lato Sensu* em Residência Agrária (UnB/CNPq/Pronera) e da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF).

Maria Inês Escobar da Costa: É professora da Universidade Federal do Cariri/UFCa, possui graduação em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa - UFV/MG (2002) e mestrado em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília - CDS/UnB (2006). Atualmente é doutoranda na Universidade de São Paulo - FEUSP/USP. Tem experiência na área de Agronomia, com ênfase em Extensão Rural, Agroecologia e Educação do Campo, atuando principalmente nos seguintes temas: assentamentos rurais, Educação do Campo, meio ambiente e cultura. Atualmente é coordenadora da Especialização em Cultura Popular, Arte e Educação do Campo - Residência Agrária.

Rafael Litvin Villas Bôas: Graduado em Jornalismo (2001), mestre em Comunicação Social (2004) e doutor em Literatura (2009) pela Universidade de Brasília. Tem pós-doutorado em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo (2017). Integra os Programas de Pós-Graduação, mestrado Profissional em Artes (Profartes/UnB) e Desenvolvimento Territorial da América Latina e Caribe. Coordena os grupos de pesquisa Modos de Produção e Antagonismos Sociais, e Terra em Cena: teatro e audiovisual na Educação do Campo. É coordenador de Extensão da

Faculdade UnB Planaltina (FUP) e da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular. Desenvolve pesquisas nas áreas de Estética e Política, Cultura, Identidade e Território, e as interfaces entre questão agrária e questão racial no Brasil.

Ranielle Caroline de Sousa: Possui graduação em Direito pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e mestrado em Direito pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é Professora Substituta da Universidade Federal de Goiás, advogada do Cerrado Assessoria Jurídica Popular e coordenadora do curso de Direito da Faculdade de Inhumas/GO.

Rita Fagundes: É graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2005), em Direito pela Universidade Paranaense (2004) e mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2010). Foi coordenadora pedagógica do curso de Pós-Graduação em Residência Agrária da Universidade Federal de Sergipe e é integrante do Núcleo de Estudos e Vivências Agroecológicas (EVA-UFS), da Rede Sergipana de Agroecologia (Re-sea) e da Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia (Renda/CNPq). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ).

Roseli Salete Caldart: É graduada em Pedagogia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integra o Setor de Educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e atualmente é assessora pedagógica do Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (Iterra), além de coordenar o curso de Licenciatura em Educação do Campo, parceria Iterra-UnB-MEC.

Sônia Barbosa Magalhães: Possui graduação e mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), doutorado em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e em Sociologia pela Université Paris 13. Atualmente é professora da Universidade Federal do Pará, vinculada ao Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural.

Tatiana Canuto Silva: É nutricionista graduada pela Universidade Federal de Sergipe (2016). Participou das ações de Extensão do Eixo de Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional do curso de Especialização em Residência Agrária da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é mestranda em Ciências da Nutrição pela Universidade Federal de Sergipe (2017-2019) e pós-graduanda (nível de Especialização) em Segurança Alimentar e Nutricional pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2016-2017).

ISBN 978-85-230-1208-3



9 788523 012083



UnB | CTEC

